



Na Internet Eu Sou Muito Mais Legal¹

Os usos da Internet e a formação das identidades virtuais nas diferentes faixas etárias.

Autores

Aline Simone Erédia²

Gustavo Fernandes Dainezi³

Roger Stephan Matricardi Palmiero⁴

Juliana Cereto⁵

Júlio Silva Vieira⁶

Kaname Habu⁷

Universidade de São Paulo, São Paulo, SP

Resumo

A Internet já faz parte do dia-a-dia de todas as idades. Crianças, adultos e adolescentes passam horas em frente à tela do computador e assim vivem boa parte de suas vidas reais no universo virtual. O presente artigo apresenta os resultados de uma pesquisa, realizada para a disciplina Teoria e Métodos de Pesquisa em Comunicação, que estudou, a partir do modo como cada faixa etária utiliza a Internet, o grau de importância que a rede tem para cada uma delas dentro e fora do universo virtual e de que forma podem assumir identidades virtualmente.

Palavras-chave

Internet; identidade; faixas etárias; representação virtual.

Introdução

A nítida presença da Internet no meio social e econômico, além de outras áreas, remete a uma problemática muito ampla quanto às relações sociais, convergindo na formação da identidade moderna do indivíduo, atualmente inserido nesta sociedade do mundo globalizado.

A Internet cria uma forma de representação social diferente da existente na sociedade “real”. As relações virtuais possuem um caráter muito mais dinâmico, anônimo e “sem regras”, sem “normas de conduta”. Forma-se, por consequência dos aspectos que diferenciam a convivência social na Internet, um ambiente de socialização

¹ Trabalho apresentado no Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Aluna de Relações Públicas da ECA/USP

³ Aluno de Relações Públicas da ECA/USP

⁴ Aluno de Relações Públicas da ECA/USP

⁵ Aluna de Relações Públicas da ECA/USP

⁶ Aluno de Letras da FFLCH/USP

⁷ Intercambista. Estudante de Letras na Universidade de Línguas Estrangeiras de Kyoto



e identificação discordante do formado no mundo analógico. A rede propicia, segundo Manuel Castells (2003, p.274), a privatização da sociabilidade, ou seja, as pessoas se buscam e constroem laços eletivos, e não mais laços que coincidem fisicamente.

Segundo Stuart Hall (1999), a formação de identidade não é mais dependente de uma condição dada e imutável. Agora é fruto do que Jean-François Lyotard (1979) chamou de queda das grandes narrativas. Hall caracteriza a formação das identidades do sujeito pós-moderno como um processo histórico, que depende da experiência de vida deste indivíduo, havendo, portanto, infinitas possibilidades de assimilação de identidades, inclusive simultaneamente.

Na Internet é possível se comunicar não somente num contexto unidirecional de “um-para-muitos”, típico das mídias de massa, ou de “um-para-um”, como nas conversas pessoais, mas também de “muitos-para-muitos” e de “muitos-para-um” de forma instantânea e dinâmica, inédita até então. Atualmente, uma pessoa pode tanto se expressar para o mundo, com real alcance de difusão global, quanto ter acesso à informação proveniente de qualquer parte desse mundo, reduzindo os limites de espaço e tempo.

Neste contexto, nossa pesquisa pretendeu identificar as diferentes possibilidades de formação identitária na Internet a partir da premissa da sua formação histórica. Para tanto, analisamos o uso da Internet em diferentes faixas etárias, que inequivocamente tiveram formações pessoais e de pensamento bastante diferentes. Vale ressaltar que nossa pesquisa não pretendia encontrar quais são as identidades assumidas por cada faixa etária, mas sim se tomam ou não a rede para esse fim, e de que modo.

Quadro Teórico e considerações metodológicas

Para o desenvolvimento de nosso estudo, pesquisamos 160 brasileiros que tivessem computador com Internet em suas casas, todos residentes na região metropolitana de São Paulo. Para evitar distorções e tornar a pesquisa mais equilibrada, dividimos as três grandes faixas etárias (crianças, adolescentes e adultos)⁸ nas faixas: Crianças A (de 06 a 08 anos)⁹ e Crianças B (de 09 a 11 anos)¹⁰; Adolescentes A (de 12 a 15 anos) e Adolescentes B (de 16 a 18 anos)¹¹; e Adultos A (de 19 a 35 anos), Adultos

⁸ Divisão baseada no Estatuto da Criança e do Adolescente: crianças, até 11 anos; adolescentes de 12 a 18; adultos, a partir de 19 anos.

⁹ Crianças A, começo do processo de alfabetização (2º e 3º ano do Ensino Fundamental).

¹⁰ Crianças B, processo de alfabetização já concreto (4º e 5º ano do Ensino Fundamental).

¹¹ Os critérios utilizados foram alterações hormonais e objetivos escolares. Adolescentes A- Ensino Fundamental (do 6º ao 9º ano) e Adolescentes B - Ensino Médio (1º ao 3º ano).



B (de 36 a 50 anos) e Adultos C (mais de 50 anos¹²). Assim, tivemos resultados mais detalhados e pudemos perceber quais são as fases de transição. Foram aplicados questionários com questões quantitativas e qualitativas, e um acompanhamento direto, relatado num diário, com um representante de cada faixa.

Nos estudos das crianças, norteamos nosso quadro teórico principalmente em Piaget (APUD, OSAKI, 2003: p.30-35) e Vygotsky (APUD, OSAKI, 2003: p. 35). Piaget, através de sua teoria da construção da identidade explica o processo do desenvolvimento infantil, para entender seus processos de assimilação, interação e construção de mundo. Tomando por base seu interesse em explicar o desenvolvimento do conhecimento, intelecto e pensamento, Piaget nomeia quatro estágios de desenvolvimento infantil.

O primeiro é o estágio Sensório-Motor, e trata das ações e reações dos bebês: apesar de responder aos estímulos, não o planejam nem têm intencionalidade. Aos poucos surge o pensamento inteligente, e através de suas fases evolutivas, o bebê desenvolve, gradualmente, sua representação interna. É ainda nessa fase que “a criança começa a tomar consciência das relações entre o sujeito e objeto”.

O segundo estágio é o Pré-Operacional, em que a criança desenvolve novas capacidades, tem maior poder de manipulação de objetos e imagens, e atua com base em suas percepções. Passa a definir-se a partir de imitações das ações dos adultos, desenvolvendo também capacidade de representação. É o que acontece quando brinca com brinquedos e objetos e projeta suas referências em suas práticas imaginárias.

No terceiro estágio, o Operacional Concreto, os processos mentais e as ações da criança se tornam lógicos. É esta fase que permite que a criança amplie sua visão de mundo, e consiga interpretar com mais discernimento tudo aquilo que vê e sente.

O estágio Operacional Formal, o quarto e último estágio, vai dos doze aos quinze anos¹³. É a fase em que a criança começa a se transformar e a se enquadrar nos modelos da vida adulta. Amplia sua capacidade de raciocínio, estuda opções e pensa sobre as diferentes possibilidades de papéis que pode assumir e representar perante a sociedade.

Também Vygotsky prega a integração da criança no universo social e histórico. As “zonas de desenvolvimento proximais” são espaços sociais que produzem

¹² Adultos A e B, período situado entre o fim da adolescência e o climatério (diminuição no funcionamento biológico e fisiológico). Adultos C: período no qual o climatério tem grande probabilidade de já ter ocorrido. (Rev. de Psicofisiologia - UFMG, 2(1), 1998).

¹³ Para Piaget as idades de início ou fim de cada estágio dependem da história, contexto familiar e desenvolvimento de cada criança.



apropriações das práticas socialmente convidadas e partilhadas pela criança, favorecendo seu desenvolvimento cognitivo. Seus estudos trazem as transformações pelas quais o homem passa, e entre elas o comportamento, os processos psicológicos, a linguagem e a cultura da criança.

No processo de desenvolvimento das crianças é fácil perceber o quanto elas se baseiam no que vêem ao seu redor, e através da imaginação se projetam no futuro, tendo uma inserção precoce no mundo adulto. Desde muito cedo “roubam” cenas deste universo e assumem um papel social. Brincando, a criança se socializa, cria uma identidade e pratica sua imaginação. Este ato de brincar requer atribuição de valores e significados em cada situação, e cada atribuição errada pode ser corrigida e descartada pelos pais, impondo-se sutilmente aquilo que se quer ouvir.

Quando se trata de família, Lílian Osaki (2003) deixa evidente a necessidade da experiência familiar para a definição da personalidade e relação social que a criança terá quando adulta. Para isso a criança guarda em si cada experiência vivida e/ou observada, tanto as boas quanto as ruins. Assim, a família é o ponto inicial de contatos e referências, o que não quer dizer que será sempre o único. Conforme vai crescendo e ingressando em novas redes sociais, a criança sofre influência de outras pessoas e outras situações.

Com essa tecnologia do mundo pós-moderno essa interferência externa começa mesmo antes da criança ingressar na escola: dentro de casa, a mídia, especialmente a TV, apresenta uma função social de criar identidades, valores, conceitos e necessidades. Desde cedo a TV ganha a credibilidade e poder de persuasão no mundo infantil. Todo esse poder advém de três elementos básicos: imagem, som e movimento. Associados, eles facilitam a compreensão dos símbolos apresentados e mudam o processo de aprendizagem social. Juntos à constante repetição das mensagens tornam-se um poderoso recurso de influência, acelerando o desenvolvimento infantil.

Se com imagem, som e movimento a TV já encantava e cativava a criança, com o fator interativo da Internet esse fascínio tornou-se ainda maior. Agora a criança não apenas vê seu personagem favorito, mas decide o futuro de sua história e ouve-o falar seu nome e conversar diretamente com ela. Trata-se de uma personalização do programa que antes todos viam igual.

Já a adolescência é o momento em que o indivíduo absorve os principais conceitos e ideologias que formatarão seu caráter, fazendo com que os adolescentes tenham uma relação singular com a atuação e influência da Internet em suas vidas. Encontram-se em meio a diversos conflitos psicológicos em razão das alterações que



aflorem em seu organismo. Com a maturação sexual surgem novos desejos e necessidades até então raros ou inexistentes, movidos pela alta quantidade de hormônios em seu corpo, que pode acarretar grandes alterações de comportamento e humor. A vontade de se tornar diferente dos outros torna-se constante, obrigando-os a moldar uma identidade própria e singular.

Desta forma, exploram a rede como meio de trabalhar seus anseios e de se expressarem em função da liberdade que encontram na dimensão virtual. Segundo Erik Erikson (1987: p.163), a identidade pessoal se forma desde a infância até a fase adulta e a adolescência marca justamente a essa transição dessas fases e, por isso, é um momento de muita agitação e conflito¹⁴.

Assim, constata-se que a identidade pessoal¹⁵ e a identidade social¹⁶ se formam majoritariamente durante a adolescência, fazendo com que nesse momento esses jovens se insiram em círculos sociais de seu interesse e passem a adotar uma “visão” própria em relação ao mundo. A Internet vem permitir que os jovens atuem não só na dimensão do real, mas também do virtual, possibilitando e facilitando moldar identidades pessoais e sociais diversas.

O adolescente explora, então, a Internet como ferramenta de “ser” e se apresentar tal como deseja, criando quantas identidades pessoais e sociais quiser e se inserindo em qualquer tipo de círculo de amizade.

Já os adultos usam a Internet principalmente em prol de praticidade e dinamismo na resolução de suas tarefas e necessidades rotineiras. Os *sites* de relacionamento são utilizados pelos adultos com menos frequência que pelos adolescentes. Esse tipo de *site* não proporciona vantagens como o acesso a serviços e informação, interesses característicos dos adultos. A eles já não mais interessa estabelecer relações superficiais, que não tenham uma razão de ser.

A busca pela informação e conhecimento se dá pelo simples prazer em aprender na comodidade de suas casas, sem haver a necessidade de se expor.

¹⁴ Erikson trata da adolescência como momento crítico da formação da identidade, no qual conflitos podem surgir e desaparecer: "a adolescência não é uma doença, mas uma crise normativa, isto é, uma fase normal de crescente conflito (...) que poderá liquidar-se por si só e até, de fato, contribuir para o processo de formação da identidade" (1987: p.163).

¹⁵ A definição de identidade pessoal dada por Goffman é a seguinte: "(...) conjunto de marcas para diferenciar a pessoa assim marcada de todos os outros indivíduos (...)". (1963: p.67)

¹⁶ A fim de definir identidade social, Goffman descreve a seguinte cena: "Então, quando um estranho nos é apresentado, os primeiros aspectos nos permitem prever a sua categoria e os seus atributos, a sua "identidade social" – para usar um termo melhor que "status social", (...)".

O conceito de *identidade líquida*, referente à idéia de modernidade sólida e modernidade líquida criada por Zygmunt Bauman (1999), pode ser utilizado para que obtenhamos um exemplo referente ao modo como a vida dos adultos é afetada pela presença da Internet em comparação ao que acontece com os adolescentes e crianças.

A *identidade líquida* é caracterizada por constante alteração e formação de novos valores na identidade de um indivíduo, ao passo que esse, inserido no contexto de relações amplas e dinâmicas do mundo moderno (fluxo constante e instantâneo de informação), agregue valores provenientes de ambientes como o virtual. O indivíduo passa a vivenciar possibilidades de moldar sua identidade com base nos valores do mundo virtual.

Sendo assim, os fenômenos relacionados à “crise de identidade” e ao conceito de *identidade líquida* se inserem na faixa etária dos adultos (principalmente nos indivíduos com mais de 50 anos) de modo muito menos expressivo em comparação às crianças e adolescentes. Se, por um lado, as pessoas pertencentes às faixas etárias de 6 a 18 anos adotam profundamente a rede e a utilizam como ferramenta de socialização, por outro, as faixas etárias mais velhas utilizam instrumentalmente a Internet para realizarem tarefas cotidianas. E, mesmo quando há essa vivência virtual por parte dos adultos, ela se dá de maneira mais “superficial” fazendo com que os efeitos que a Internet tem em suas vidas sejam bem menos significativos.

Hipóteses

A hipótese principal consistiu em afirmar que havia diferenças entre as formas de sociabilidade na Internet, determinando as distintas formas de identidade adotadas entre pessoas de diferentes faixas etárias (crianças, adolescentes e adultos). Esta disparidade estaria vinculada à experiência pessoal e às identidades vividas por estas pessoas fora da Internet. Como hipóteses específicas, tivemos:

- I. As crianças, seduzidas pelos recursos que a tecnologia oferece, influenciadas diretamente por seus colegas e indiretamente por seus pais e irmãos, trocariam facilmente os brinquedos tradicionais pelo universo virtual, onde é possível dialogar com seus personagens favoritos, jogar com seus colegas (reais e virtuais) *on-line*, e ainda construir e/ou interferir nos episódios dos desenhos que assistam pela TV;
- II. As crianças já saberiam, muitas vezes, navegar em *sites* antes mesmo de serem alfabetizadas, sendo auxiliadas por uma interface de imagens, sons e personagens



conhecidos. Nessa fase a criança buscaria brincadeiras/diversão e começaria a construção de sua identidade, imitando os mais velhos que admira e tem como referência, e acompanharia os colegas de sua idade. A sociabilidade se daria de fato não na rede, mas fora dela, onde saber dominar essa técnica tornar-se-ia “status” e geraria assunto entre as crianças, facilitando a interação entre aqueles que navegam na rede e excluindo parcialmente os que não o fazem;

- III. Os jovens fariam uso de *sites* de relacionamento visando expandir seu círculo social e sua inclusão social, além de se auto-afirmarem expressando sua opinião ao maior número de pessoas possível. Devido ao modo como se dá a sociabilidade virtual, muitos jovens que não se relacionariam bem com seus colegas da escola poderiam ser os mais respeitados em fóruns de discussões ou estarem entre as pessoas mais populares do *Orkut*;
- IV. A liberdade e infinito leque de opções fariam da Internet a ferramenta ideal para o adolescente explorar as possibilidades de se firmar como indivíduo e experimentar diversas perspectivas e identidades;
- V. Os adultos buscariam, na rede, ampliar seu círculo social momentaneamente visando a realização de desejos pessoais, tanto de caráter profissional quanto de caráter afetivo-sexual, podendo chegar à tentativa de reformular o modo como o mundo o vê, ou seja, corrigir a identidade que os outros depreendem dele, e que julgaria não ser a correta
- VI. Os adultos buscariam, mais do que novos relacionamentos, novas ferramentas que os ajudassem a ganhar tempo em seu agitado cotidiano. A Internet tornar-se-ia um facilitador de serviços, e uma ferramenta importante, sem causar a mesma dependência que nos adolescentes.

A pesquisa

Logo de início, com as pesquisas das Crianças A, 72% afirmaram terem tido seu primeiro acesso na Internet com menos de 06 anos, o que significa dizer que conheceram e começaram a utilizar a Internet antes de serem alfabetizadas, confirmando a premissa da hipótese II.

O principal motivo que levou essas crianças a acessarem a Internet pela primeira vez foi a influência direta ou indireta dos pais ou parentes próximos: dando joguinhos, ensinando a criança a usar o computador, ou até mesmo servindo de “exemplo” e



instigando sua curiosidade¹⁷. Assim, confirmamos quase totalmente a segunda parte da hipótese II.

Entretanto, esta mesma hipótese fica parcialmente refutada quando se trata da influência direta de seus amigos. Na verdade essa influência existe, mas não como fator estimulante do primeiro acesso. Existe para continuar o processo de formação da identidade e das preferências da criança, onde “gostos” parecidos começam a brincar juntos e acessar os mesmo (tipos) de *site*. Essa informação foi extremamente perceptível no trabalho de campo.

Das crianças, 28,5% entram acompanhadas de parentes próximos, mostrando um número expressivo de relacionamentos no mundo real por causa da Internet.

Sobre os primeiros *sites* que acessam, durante a semana são de jogos *online* (93%) de canais ou personagens infantis, confirmando o interesse em jogar com seu mundo imaginário. Entretanto, apesar de majoritariamente usarem a Internet para jogar, apenas metade da amostra tem os jogos *online* como *site* de maior interesse. Mesmo assim, 62% julgam que o papel fundamental em suas vidas é divertir.

Sobre o que mudaria em suas vidas sem a Internet, 50% respondeu que trocaria a forma de lazer, aparecendo muitas respostas relacionadas a assistir mais televisão, andar de bicicleta e brincar com o cachorro. Estes são os primeiros indícios da confirmação de parte da hipótese I.

Em segundo lugar (23%) está “nada”. Talvez por ainda não terem um uso funcional desta ferramenta, essas crianças não conseguem perceber mudanças significativas em suas vidas. Em terceiro lugar (11%), aparece exatamente o contrário: “tudo”, o que nos possibilita inferir que acreditam que teriam mudanças, mas não sabem exatamente quais.

O maior benefício encontrado por essa faixa etária foi a diversão. Quanto ao maior prejuízo, 41% afirmou que é deixá-las irritadas¹⁸. Essa categoria mostra o quanto a Internet gera ansiedade e irritação nos pequenos, e que este fato não passa despercebidos por eles. Este prejuízo também está indiretamente presente em 3% que afirmaram não gostar de ter que esperar outras pessoas os ajudarem. Em segundo lugar dos prejuízos estão os conteúdos de violência ou sexo (17%).

¹⁷ “Minha mãe mexia muito e eu resolvi experimentar” (fem., 07 anos).

¹⁸ “Quando o jogo ‘pifa’ tenho vontade de chutar o computador” (masc., 06 anos).



O uso comunicacional da rede por essa faixa etária é feito para conversar com seus parentes, amigos e amigos de seus pais. Majoritariamente se relacionam com essas pessoas por causa da distância, e conversam sobre assuntos cotidianos ou novidades.

Podemos afirmar que confirmamos a maioria de nossas hipóteses: as crianças dessa faixa começaram majoritariamente a navegar na Internet antes de serem alfabetizadas; de fato sofrem influências de seus parentes mais próximos para começar a utilizar a rede, e no modo como isso se dará posteriormente (tipo de *site*, tempo de permanência, frequência de uso, etc); quase a totalidade busca diversão; preferem *sites* que sejam extensões de sua imaginação (personagens de programas infantis); começam a construção de sua identidade imitando os mais velhos; estreitam laços de amizade com os amigos que têm preferências parecidas, e influenciam e são por eles influenciadas o tempo todo. De fato, nesta faixa etária a sociabilidade se dá fora da rede. Entram na Internet para se divertir, mas o que é nela encontrado é parte do fator determinante de assuntos, formação de grupos, e outros relacionamentos fora dela.

Entretanto, ainda não podemos afirmar que trocam seus brinquedos tradicionais pelo universo virtual (temos apenas indícios), e refutamos parcialmente a hipótese de os amigos influenciarem diretamente o acesso (na verdade são influenciadores diretos dos temas acessados), e de dominar a técnica ser *status*, excluindo aquelas que não a dominavam. A sociabilidade e exclusão se dão de fato pelas preferências, e não pelo saber utilizar a Internet.

Quanto às Crianças B, também começaram a utilizar a rede antes de serem alfabetizadas, e seu primeiro acesso também foi influenciado principalmente por seus familiares, apesar de numericamente as respostas indicarem busca por entretenimento.

Apesar de ainda serem minoritários, crescem os acessos em *lan houses*, indicando ganho na autonomia destas crianças para usar a Internet. Outros dados que comprovam isto são o aumento do número de crianças que acessam sozinhas (de 71,5% para 92%) e o aumento das que podem acessar durante a semana (de 64% para 100%).

O tempo de permanência aumenta e dá indícios de uma nova relação da criança com a ferramenta. Um quarto das respostas afirma ficar mais do que 4h30min durante a semana, número bastante alto se considerarmos suas idades e suas reais necessidades virtuais. Tanto tempo na Internet rouba tempo de outras atividades, o que aumenta o indício da hipótese I.

Aparecem novas categorias de interesse, como “esportes”, e “ciência e saúde”, mostrando o início de uma segmentação de interesses e, de modo mais claro, de usos



que cada criança dá à rede. Ninguém disse acessar primeiramente *sites* de relacionamento, apenas *sites* e ferramentas de comunicação em tempo real. Nestas questões observamos uma primeira fase de transição dentro do processo de identificação da criança e do modo como utilizam a Internet. O acesso aos *sites* de jogos diminui e aumentam a utilização de ferramentas de comunicação. Surgem os primeiros sinais da construção de identidade fora da rede. Ainda não podemos falar em identidade virtual pois essa faixa etária ainda não tenta manipular o que os outros irão ver sobre ela na Internet, mas já começa, conscientemente ou não, a manipular sua imagem fora dela. Define o que seus amigos saberão sobre ela e suas preferências.

Quanto ao que mudaria em suas vidas sem Internet, temos um resultado interessante: 15% empata as categorias que afirmam perder uma forma de lazer, e ganhar tédio e/ou tristeza. Nesta última, foram recorrentes respostas que mostram uma parte da amostra mais dependente do que o resto¹⁹. A mudança “troca de lazer” encontrada em 50% das Crianças A é aqui substituída pela “perda de uma forma de fazer” e “ganho de tédio ou tristeza”. Começamos a perceber maior cumplicidade destas crianças com a rede, e, de certa forma, também maior dependência. A Internet já é, assim, assimilada como um “brinquedo” fundamental para o entretenimento, o que confirma a hipótese que crianças substituem seus brinquedos tradicionais pela Internet.

Na amostra surge pela primeira vez o “vício” como prejuízo. Vale ressaltar que aqueles que se julgam “viciados”, ou consideram a Internet como algo que vicia, são os que menos ficam conectados. Também temos crianças que já começaram a perceber as horas conectadas como perda de um tempo que poderia ser otimizado de outro modo. A irritabilidade como prejuízo praticamente não aparece, mas surge a briga com os pais, mostrando que conflitos já começam a tomar parte da vida dessas crianças por causa da rede, seja por discordância entre os pais e filhos sobre o que devem ou não acessar, seja pelo tempo de uso que cada um julga ser suficiente, ou qualquer outro motivo.

No que concerne à comunicação virtual, essa amostra se mostrou menos adepta do que a de Crianças A: de 68% o número caiu para 56% de usuários. Dessas, 50% falam com parentes, e 50% com amigos.

O principal fator estimulante desses relacionamentos fica empatado entre a amizade que os usuários têm com as pessoas que conversam (33%), e a vontade de saber as novidades ou ter notícias de seu cotidiano (33%).

¹⁹ “Eu não seria nada” (masc., 10anos), ou “Uma vida de tristeza”(masc., 10 anos).



Podemos observar também que agora 66% conversam virtualmente para estender seus relacionamentos seja em número ou em intensidade. A distância não é mais o principal motivo deste tipo de contato.

Com todo o apresentado, e com base no estágio Operacional Concreto de Piaget, podemos confirmar nossas hipóteses nesta faixa etária, e ainda perceber a ampliação de sua visão e interpretação do mundo e das coisas que vê. Aqui a influência dos pais e parentes próximos começa a cair, e a dos amigos, a aumentar. A identidade, que já havia começado a ser formada fora da rede, dá suas primeiras amostras na Internet pelos tipos de *sites*, ferramentas e informações que essas crianças buscam.

Na categoria Adolescentes A, a pesquisa mostrou que apesar de 92% ter afirmado o primeiro acesso na categoria “Crianças”, o que já mostramos que é feito pela influência direta ou não dos parentes próximos, apenas 10% consideraram algum tipo de influência como fator de seu primeiro acesso. Começam os indícios de que já manipulam suas identidades, tentando se mostrarem “autônomos”, livres da influência de seus familiares.

Todos afirmaram acessar a Internet sozinhos, mostrando mais uma vez a “autoafirmação” de independência. Este fato, porém não é verdadeiro. No Laboratório de Informática da escola em que pesquisamos essa faixa etária os alunos acessam a Internet ou juntos (no mesmo computador), ou cada um em um computador, mas continuando a se relacionar, tornando esse acesso “duplo”, acompanhado.

Esta faixa etária apresenta a concretização dos indícios encontrados nas Crianças B: 42% dos avaliados têm os *sites* de relacionamento como os primeiros acessados, e neles mantêm contato com amigos (86%) e familiares (14%). Os pais e parentes cedem seu lugar de influência aos amigos e com esses competem a convivência e companhia de seus filhos. Em segundo lugar, encontramos jogos *online*, com 15% das respostas.

A respeito dos *sites* de maior interesse, em primeiro lugar encontramos *sites* de relacionamento (26%), seguido de músicas/vídeos *online* (15%). Aqui, verificamos também uma contradição entre o principal interesse e uso desta ferramenta. Os sites de relacionamentos, como o *Orkut*, tem seus acessos priorizados pelos adolescentes, mesmo não sendo seus assuntos de maior interesse. Tais sites permitem assumir e conservar suas identidades na Internet, que podem ser coincidentes ou não com as reais. Apesar de julgarem que o principal papel da Internet é facilitar o acesso à informação, o principal uso que fazem desta ferramenta é para se comunicar. Assim, acreditam que suas vidas sem Internet teriam maior dificuldade de acesso à informação (26%), e maior



dificuldade de comunicação (16%). Outra categoria interessante afirma que deixariam de realizar alguma tarefa. Fica evidente então o uso mais instrumental que essa amostra dá para a Internet, e também a sua dependência já interiorizada.

Quanto aos benefícios que a Internet trás, a segunda resposta mais recorrente foi a facilidade de comunicação (22,5%), mostrando o quanto essa faixa etária valoriza e vive este “relacionar virtual”, conforme apresentado em nossa hipótese III.

Dentre os 25 avaliados, apenas um afirmou não se relacionar com outras pessoas virtualmente. Quanto aos outros, os fatores que incitam seus contatos virtuais são, em primeiro lugar, a “amizade” (36%), em segundo o “saber as novidades pessoais” (20%) e, dividindo o terceiro lugar, a “distância” e a “facilidade de comunicação” (13%).

Em vistas dos resultados obtidos, e com base no estágio Operacional Formal de Piaget, podemos concluir que os Adolescentes A já constituíram uma identidade em sua vida real, que na maioria dos casos ainda não é definitiva, e agora concretizam representações de identidades também na rede. Possuem consciência das influências externas e por vezes tentam se afirmar distantes delas.

Refutamos parcialmente nossa hipótese de que os adolescentes visam expandir seu círculo de relacionamentos. Na verdade, encontramos uma extensão do tempo que passam juntos e do grau de intimidade com seu grupo de contato fora da Internet (amigos da escola, etc), e uma ampliação de seus assuntos para além dos escolares.

Apesar de refutarmos a hipótese de que eles se afirmam expondo sua opinião em grupos de discussão, pudemos constatar e confirmar a hipótese de que se reafirmam perante seus amigos manipulando sua imagem em sites de relacionamentos. Também não pudemos confirmar a hipótese III, mas os dados também não refutam essa hipótese.

Na categoria Adolescentes B, observamos uma utilização bastante homogênea da Internet. Dois grandes pólos puderam ser destacados nos resultados da pesquisa: relacionamentos - em especial com amigos - e acesso a informações – em especial noticiosas. Quando perguntados sobre o papel da Internet em suas vidas, obtivemos que o principal papel seria “facilitar o acesso à informação” (54%), o segundo - “facilitar a comunicação” (35%) e terceiro - “entretenimento”, com apenas 5%. No entanto, quando perguntados qual o principal uso que fazem da Internet, a resposta mais observada foi “relacionamentos” (38%), em segundo lugar, “uso profissional/escolar (29%) e em terceiro, “acesso à informação/manter-se atualizado” (21%). Esses dados mostram que, apesar de fazerem mais uso de ferramentas de relacionamento via Internet, dão mais valor à questão da facilidade de informação.



Quanto a o que os motiva a se relacionarem virtualmente, o principal fator foi “laços afetivos” 45%. “Distância” e “facilidade de comunicação” empatam com 17%. É importante ressaltar que essas questões provieram de respostas abertas, portanto, não-estimuladas. O principal tema dos contatos é “cotidiano” (38%). “Temas de entretenimento” tem 20%. Com 15% aparecem os “assuntos profissionais / escolares”.

A constatação de que os “laços afetivos” são o principal fator gerador de comunicação virtual induz a refutação da hipótese III. Entretanto, o que pudemos observar foi a concretização do que começou nos Adolescentes A: uma extensão dos relacionamentos extra-virtuais já existentes, aumentando o tempo de interação, e de intensidade, em que pessoas que, por algum motivo, não se relacionam fora da rede passam a se relacionar dentro dela²⁰. Assim, inferimos que há um aumento numérico do círculo de relacionamentos do internauta, mas, com pessoas que conhece pessoalmente.

Pudemos também observar o uso da Internet como extensão de uma identidade existente no mundo não-virtual (conversa com parentes) e maior comodidade na obtenção de notícias e informações. Não pudemos observar claramente, no entanto, uma relação de criação de novas identidades diferentes daquelas estabelecidas no convívio real, exceto por indução a partir de algumas respostas²¹.

Os dados obtidos nas categoria Adultos A apontam os *e-mails* como o tipo *site* mais acessado (31,5%), seguido por *sites* de relacionamento (14,5%) e depois por buscas e pesquisas (9%). O uso de *e-mails* aparece pela primeira vez com relevância.

Ao serem questionados qualitativamente sobre qual o principal uso que fazem da Internet, a resposta mais obtida foi uso profissional/escolar (50%), seguidos por entretenimento (25%). Note-se que apesar de *sites* de relacionamento serem um dos principais tipos de *sites* acessados, 75% da amostra não o reconhece como um de seus principais usos. Temos aqui uma segunda faixa de transição, que começa a focar o uso da Internet mais para desenvolvimento de trabalhos, e menos para os relacionamentos virtuais, dando indícios do que iremos encontrar na faixa seguinte.

O papel da Internet na vida dos Adultos A, começa a ser essencialmente “facilitadora do acesso à informação”, com 33% das respostas, seguida por “geradora de entretenimento”, com 27%, seguida por “ferramenta profissional/escolar”, com 15%.

²⁰ Para esta afirmação, exemplificamos com uma das respostas obtidas: “Não [tenho] muita intimidade com alguns [amigos] para ligar para eles” (fem., 17 anos). O fato de não se sentir próxima o suficiente fez a pessoa se comunicar com alguns através da Internet, onde poderia controlar melhor sua exposição.

²¹ Idem



Toda a amostra se relaciona com outras pessoas na Internet, sendo “amigos” os mais citados (68%), bem distante de “contatos profissionais” (14%).

Os temas mais abordados nas conversas com essas pessoas são, em 54%, “assuntos do cotidiano e novidades”, seguido por “assuntos particulares” e “assuntos profissionais/escolares”, com 22% cada. As conversas são motivadas pelos fatores amizade (44%), facilidade de comunicação (18%).

Podemos confirmar nesta categoria as hipóteses V e VI, relativas aos adultos, uma vez que através dos contatos profissionais, escolares e daqueles oriundos de entretenimento é possível haver uma brusca ampliação do círculo social, do círculo de contato humano e, por se tratarem de pessoas novas em contextos potencialmente distintos dos comumente vivenciados, sempre existe a chance de tentar adotar uma postura distinta e nova, visando a correção da antiga.

A hipótese VI é a que se mostrou mais válida e presente no meio abordado, uma vez que o uso principal da Internet é o profissional, dando destaque para a facilidade na obtenção de informações e a comunicação promovidas pela rede.

Na categoria Adultos B, temos como dado importante o primeiro site acessado: *e-mail*, tanto durante quanto nos finais de semana. Sobre os temas de maior interesse, novamente “*e-mail*” (31%) e “notícias e atualidades” (30%) são destaque.

Mais de um terço dos entrevistados (35%) admitiram que o papel da Internet em suas vidas é facilitar a informação, enquanto 20% acreditam que é facilitar a comunicação. Ser uma ferramenta profissional e agilizar acesso a produtos e serviços ocupam terceiro lugar, ambos com 15%. Esses dados tendem a comprovar a hipótese VI.

Quanto aos prejuízos, podemos perceber que se parecem quase totalmente com os apresentados pelas Crianças B. A faixa etária Adultos B corresponde ao intervalo em que estão inscritos a maior parte dos pais das Crianças B, mostrando a forte relação do que diz a faixa etária dos “pais” com a dos “filhos”.

Analisando agora a Internet como ferramenta de comunicação, 70% revelam manter relacionamentos com outras pessoas enquanto estão na rede, sendo a maioria contatos profissionais e amigos, com 38% cada. Em nossa amostra não houve nenhum caso de relacionamento com pessoas desconhecidas.

Os principais motivos que sustentam esses relacionamentos virtuais são as questões profissionais (37%) e de amizades (32%), quase concretizando o indicado na faixa etária anterior.



Assim como nos Adultos A, não foi possível observar qualquer tipo de busca por novos relacionamentos. Também não foi comprovada nenhuma nova identidade ou correção da real, como admitido na hipótese, o que nos leva a refutá-la parcialmente.

Em contrapartida, confirma-se parte da hipótese na medida em que foi concluído que esta faixa etária realmente vê na Internet uma ferramenta facilitadora de serviços e atividades profissionais (como *sites* de buscas e/ou troca de informações com colegas), bem como uma fonte inesgotável de atualização em notícias do dia-a-dia.

Na categoria Adultos C, levando em consideração a idade já alcançada quando houve o advento da Internet, o fator que mais influenciou para que houvesse o contato inicial com a rede foi o uso profissional/escolar (60%). Mesmo que 85% das pessoas afirmem que se relacionem na rede, todos os dados indicam que os entrevistados se relacionam com indivíduos já inseridos dentro de seu círculo social pré-existente.

Quando os entrevistados se relacionam pela rede, a maioria deles (41%) se comunica com seus familiares. O restante, por sua vez, conversa com amigos (29,5%) ou contatos profissionais (29,5%). Assim, vemos, mais uma vez, que a procura por novos relacionamentos dentro da Internet é praticamente nula. Temos também uma última fase transitória, onde há uma volta aos relacionamentos com a família.

O principal motivo que levou os entrevistados (47% deles) a se relacionarem pela Internet foi o fato de a rede possibilitar “facilidade de comunicação”. Os assuntos mais tratados consistem em “cotidiano/novidades/futilidades” (35%) e “vida privada” (35%), seguidos por “assuntos profissionais/escolares” (29,5%).

Mesmo quando os indivíduos entrevistados se relacionam pela Internet, utilizam, majoritariamente, o *e-mail* (59%) e ferramentas de conversa em tempo real (41%), ao passo que 0% deles utiliza sites de relacionamento.

Conclui-se que os adultos com mais de 50 anos desenvolvem relações dentro da rede como forma de se comunicar com pessoas já conhecidas, seja de círculos profissionais, familiares ou sociais pré-existentes. As ferramentas mais usadas por essa faixa etária, as únicas segundo os resultados obtidos dos questionários (*e-mail* e ferramentas de conversação em tempo real), também refletem o aspecto de não haver procura em se relacionar com um total desconhecido (entende-se que não é comumente possível trocar *e-mail* ou conversar pelo *Skype* ou *Msn* com desconhecidos, já que é necessário ter de antemão dados da conta de quem se quer conversar).

Fica evidente também que esta faixa etária não está interessada em ter uma representação virtual. Consideramos, para isso, que os sites de relacionamento, como o



Orkut, são os maiores facilitadores deste fato, onde é possível escolher fotos, textos, comunidades, e criar o seu “eu” aos olhos dos outros.

Conclusão

Com no apresentado, concluímos que as faixas etárias tomam sim a Internet de maneira diferente e para fins diferentes. As crianças não têm identidades virtuais pois ainda estão formando suas identidades no mundo real. Para isso, tomam por referência seus pais e parentes próximos para se definirem, e seus amigos para “aperfeiçoar” essa formação. A seguir temos os adolescentes, que se mostram como os mais representados na Internet. Os sites que mais utilizam são os de relacionamento, mesmo quando estes não são seu principal interesse. A todo momento mostram-se preocupados em afirmar suas amizades e refutar a influência de seus pais, evidenciando a existência de uma identidade analógica já existente, mesmo que ainda não seja a definitiva. Já na rede, a pesquisa mostrou que os adolescentes assumem extensões de suas identidades reais, e deixa indícios de que assumam novas. Quanto aos adultos, o uso principal que fazem da rede é o profissional, vendo essa ferramenta como uma facilitadora de serviços. Parte deles não projeta identidades na Internet, e da parte que o faz, há indícios que seja apenas como extensão das identidades assumidas fora da Internet.

Assim, concluímos e confirmamos nossa hipótese principal de que há diferenças no uso e sociabilidade que as faixas etárias fazem da rede, e, conseqüentemente, há também diferenças na existência de identidades virtuais.

Referências bibliográficas

- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e ambivalência**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- CASTELLS, Manuel. “Internet e sociedade em rede”. In: MORAES, Dênis (org.). **Por uma outra forma de comunicação**. Rio: Record. 2003.
- ERIKSON, E. H. (1987) **Identidade, juventude e crise**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Guanabara
- GOFFMAN, E (1963). **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. 4ª Ed. Rio de Janeiro: LTC, 1963.
- HALL, Stuart. **Identidade cultural na pós-modernidade**. Rio: DP&A. 1999.
- LYOTARD, Jean-François. **A condição pós-moderna**. 5. Ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.
- OSAKI, Lillian de Freitas. “A criança brasileira hoje”, in **A representação Tipológica da criança em Comerciais de TV**, Dissertação de Mestrado, ECA/USP, 2003. p.76-143.